

LIVREIROS DO NOVO MUNDO



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor Antonio José de Almeida Meirelles  
Coordenadora Geral da Universidade Maria Luiza Moretti



Conselho Editorial

Presidente Edwiges Maria Morato  
Alexandre da Silva Simões – Carlos Eduardo Ornelas Berriel  
Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo  
Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Marco Aurélio Cremasco  
Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante



Universidade de São Paulo

Reitor Vahan Agopyan  
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandez



Editora da Universidade de São Paulo

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

Comissão Editorial

Presidente Rubens Ricupero  
Vice-presidente Valeria De Marco  
Carlos Alberto Ferreira Martins  
Clodoaldo Grotta Ragazzo  
Maria Angela Faggin Pereira Leite  
Ricardo Pinto da Rocha  
Tânia Tomé Martins de Castro  
Suplentes Marta Maria Geraldês Teixeira  
Primavera Borelli Garcia  
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana  
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin



editora  
unesp

Fundação Editora da Unesp

Presidente do Conselho Curador Mário Sérgio Vasconcelos  
Diretor-Presidente Jézio Hernani Bomfim Gutierrez  
Superintendente Administrativo e Financeiro William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Danilo Rothberg – Luis Fernando Ayerbe  
Marcelo Takeshi Yamashita – Maria Cristina Pereira Lima  
Milton Terumitsu Sogabe – Newton La Scala Júnior  
Pedro Angelo Pagni – Renata Junqueira de Souza  
Sandra Aparecida Ferreira – Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara  
Leandro Rodrigues

Jean-Jacques Bompard

LIVREIROS DO NOVO MUNDO  
DE BRIANÇON AO RIO DE JANEIRO

*Prefácio*

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

*Tradução*

Leila V. B. Gouvêa



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8<sup>2</sup> / 1724

---

B639L Bompard, Jean-Jacques

Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro / Jean-Jacques Bompard; tradução: Leila V. B. Gouvêa. -- Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP; Editora da Unesp, 2021.

1. Bompard, Jean-Baptiste, 1757-1842. 2. Livreiros – Brasil – História. 3. Livros – História. 4. Livros – Comércio – Rio de Janeiro. I. Gouvêa, Leila V. B. II. Título.

ISBN 978-85-268-1490-5 (Editora da Unicamp)

CDD - 070.50981

ISBN 978-65-5785-028-2 (Edusp)

- 002.09

ISBN 978-65-5711-050-8 (Editora Unesp)

- 070.5098153

---

Título original:

*Libraires du Nouveau Monde: De Briançon à Rio de Janeiro*

Copyright © 2015 by Jean-Jacques Bompard

Copyright © 2021 by Editora da Unicamp, Editora da USP e Editora Unesp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

Cep 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – vendas@editora.unicamp.br

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária

Cep 05508-050 – São Paulo – SP – Brasil

Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150

[www.edusp.com.br](http://www.edusp.com.br) – e-mail: edusp@usp.br

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

Cep 01001-900 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3242-7171 – Fax: (11) 3242-7172

[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br) – atendimento.editora@unesp.br

A educação recebida havia insuflado em suas veias a energia necessária para buscar no exterior, e no Novo Mundo, os recursos dos quais sua terra, com seu penoso clima, mostrava-se tão parcimoniosa.

Briançon-La-Vachère, 1798-1912

“Mémoire” do doutor Léo Bompard,  
médico de Briançon, neto do livreiro  
Jean-Baptiste Bompard



# SUMÁRIO

PREFÁCIO: AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS.....	11
APRESENTAÇÃO: DA LEMBRANÇA DAS ORIGENS AOS CAMINHOS INTERROMPIDOS DA MEMÓRIA .....	17
1. FAMÍLIAS CUJO PASSADO SE CONFUNDE COM O DA COMUNIDADE DE LA SALLE .....	21
<i>Em busca de uma ascendência</i> .....	24
<i>Uma vida de labor em uma terra ingrata</i> .....	26
<i>O lugar reservado à instrução</i> .....	29
<i>Da mascatagem aos ofícios do comércio</i> .....	30
2. OS PRECURSORES DO MONÊTIER DE BRIANÇON (HOJE, MONÊTIER-LES-BAINS) .....	35
<i>A comunidade dos livreiros briançonnais em Portugal, 1750</i> .....	39
<i>O terremoto de 1º de novembro de 1755</i> .....	40
<i>Um novo começo</i> .....	43
3. DO VILAREJO DE BEZ A LISBOA .....	47
<i>Uma tradição de solidariedade e uma mesma ambição</i> .....	48
<i>Joseph-Augustin Borel</i> .....	48
<i>Jean-François Borel</i> .....	52
<i>Paul Martin: O início de uma aventura familiar</i> .....	56
<i>O ofício de livreiro e a censura no final do século XVIII</i> .....	59

4.	NOVAS PERSPECTIVAS NO RIO DE JANEIRO	
	ANTES DA CHEGADA DE DOM JOÃO VI.....	65
	<i>Famílias estreitam seus laços</i> .....	68
	<i>Os comerciantes de livros interessam-se pelo Brasil</i> .....	69
	<i>Outra atividade do livreiro Paul Martin</i> .....	70
	<i>Paul Martin abre uma livraria no Rio de Janeiro</i> .....	71
	<i>A invasão de Portugal e a partida da Corte para o Brasil</i> .....	76
5.	A LIVRARIA, A EDIÇÃO E A IMPRENSA NO BRASIL E	
	EM PORTUGAL SOB A REGÊNCIA DE DOM JOÃO.....	81
	<i>O início em um Brasil em formação</i> .....	81
	<i>A Impressão Régia</i> .....	86
	<i>A Gazeta do Rio de Janeiro e a nova posição de Paulo Martin (filho)</i> .....	87
	<i>A nova sociedade do Rio de Janeiro</i> .....	90
	<i>A situação dos livreiros no Rio de Janeiro e em Lisboa</i> .....	98
	<i>A Gazeta do Rio de Janeiro, reflexo da época e da atividade dos livreiros</i> .....	100
	<i>Paulo Martin e a venda de gravuras</i> .....	103
	<i>1809-1813: O mercado do livro evolui</i> .....	104
	<i>Paulo Martin, o primeiro livreiro-editor</i> .....	106
	<i>Vendas inéditas por catálogo</i> .....	108
	<i>A nova situação familiar dos livreiros Martin</i> .....	110
	<i>A situação no final da regência de dom João: 1813-1816</i> .....	111
6.	EM BRIANÇON, DO FIM DO ANTIGO REGIME À	
	PARTIDA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD.....	119
	<i>Em um período agitado, as vicissitudes de um mandato público</i> .....	121
	<i>Jean-Baptiste Bompard, de Briançon a Lisboa: 1797-1816</i> .....	125
7.	1816-1818: NO BRASIL, ENTRE EVOLUÇÃO E INCERTEZAS.....	131
	<i>A Missão Artística Francesa</i> .....	132
	<i>Banco do Brasil: A subscrição dos comerciantes da cidade</i> .....	139
	<i>O livreiro Paulo Martin, acionista do Banco do Brasil</i> .....	140
	<i>A Revolução de Pernambuco e os apoiadores de dom João VI</i> .....	143
	<i>Pernambuco e um projeto abortado de fuga de Napoleão</i> .....	145
	<i>A missão científica de Freycinet</i> .....	147
	<i>O livreiro Paulo Martin investe em seguros</i> .....	148



8. JEAN-BAPTISTE BOMPARD: DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO .....	151
9. A EDIÇÃO, O LIVRO E O BRASIL A CAMINHO	
DA INDEPENDÊNCIA (1819-1822) .....	159
<i>A Revolução Liberal do Porto de 1820 e os acontecimentos posteriores</i> .....	164
<i>A edição, a imprensa e a atividade do livreiro Paulo Martin em 1821 e 1822</i> .....	168
10. DE PAULO MARTIN A JEAN-BAPTISTE BOMPARD, 1822-1824 .....	177
11. A LIVRARIA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD (1824-1827) .....	183
<i>O retrato de Jean-Baptiste Bompard por Henrique José da Silva</i> .....	187
<i>As atividades do livreiro Jean-Baptiste Bompard (1824-1827)</i> .....	189
<i>A lista de livros dos irmãos Martin em 1825</i> .....	190
<i>O catálogo da livraria de Jean-Baptiste Bompard (1825)</i> .....	192
<i>A medicina curativa e purgativa de Le Roy</i> .....	198
<i>As etiquetas da livraria de Jean-Baptiste Bompard</i> .....	200
<i>Uma imprensa febril</i> .....	201
<i>1826-1827: Os dois últimos anos de atividade do livreiro Jean-Baptiste Bompard</i> ...	204
12. O RETORNO À FRANÇA DO LIVREIRO JEAN-BAPTISTE BOMPARD .....	207
13. UMA SEGUNDA VIDA BASTANTE LONGA: 1829-1890 .....	215
<i>Um gabinete literário</i> .....	216
<i>O antigo livreiro se instala na Grande Rue, 41, em Briançon</i> .....	217
<i>Rememorações do Brasil</i> .....	218
<i>A propriedade de “La Vachère”</i> .....	220
<i>Os livreiros de Nápoles: Balthazard Borel e Charles Bompard</i> .....	222
<i>A municipalidade, as festividades de 1º de junho de 1857 e a</i>	
<i>Medalha de Santa Helena</i> .....	223
<i>Jean-Baptiste Bompard e o mel briançonnais</i> .....	226
<i>Um último olhar sobre o século</i> .....	226
EPÍLOGO .....	229
BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS .....	231
ANEXOS .....	237



**Imagem 1.** Retrato de Jean-Baptiste Bompard por Henrique José da Silva. Óleo sobre tela, Rio de Janeiro, outubro de 1824. Coleção e fotografia de Jean-Jacques Bompard.

## Prefácio

### AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS...

Na caixa postal do meu computador, o nome “Bompard” trazia uma vaga lembrança. Ao abrir a mensagem, um texto em português, algo duro, explicava: um artigo, disponível na internet, que eu escrevera sobre livreiros franceses no Rio de Janeiro de inícios do século XIX, continha menção a um antepassado do remetente – o autor desse instigante e importante livro, agora traduzido para o português, que tenho a alegria de prefaciá-lo. E não era tudo. Anexas, vinham reproduções de um selo de livraria da década de 1820 e do retrato a óleo do antigo livreiro Jean-Baptiste Bompard – pintado por Henrique José da Silva (1772-1834) –, o primeiro diretor da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Correspondência vai, correspondência vem; pesquisas aqui e ali; consulta a fichas guardadas há algum tempo. As peças começaram a se encaixar.

Esse primeiro contato com o atual senhor Bompard ocorreu em maio de 2008, época, no Brasil, das comemorações pelos 200 anos da chegada da família real. Fato fundamental para aqueles que estudam a história dos livros e dos livreiros, pois abriu o território para o comércio internacional, atraiu negociantes estrangeiros e viabilizou a introdução da imprensa. Assim se consolidaram e se multiplicaram os mercadores que se especializaram no ramo dos livros, como foram João Roberto Bourgeois e Paulo Martin, ambos também personagens deste livro.

Da troca de correspondência e documentos, foi-se revelando a história do outro Bompard, o livreiro do início do século XIX, um daqueles casos, raros na história, de indivíduos quase desconhecidos, mas com enorme potencial para esclarecer aspectos da época em que viveram. Natural de Briançon, no departamento dos Altos Alpes, no sudeste da França, Jean-Baptiste Bompard nasceu em 1797 e, 20 anos depois, trocou as montanhas natais por Lisboa, onde atuava um tio. Em 1818, seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de colaborar com o primo Paulo Martin. Quando este falece, em 1824, torna-se o mais importante livreiro da cidade, depois de ter se estabelecido na rua dos Pescadores (atual rua Visconde de Inhaúma), número 49.

Muitos desses dados somente surgiram a partir de mensagens trocadas e das conversas travadas com Jean-Jacques Bompard, que vim a conhecer pessoalmente em 2010, numa dessas experiências da vida de que nunca mais se esquece. Aproveitando uma viagem com meu marido, também historiador, para participar de colóquio em Lisboa, ampliamos o percurso até Lyon. Ao desembarcar, encontramos um antigo executivo, apaixonado pelo esqui (tema sobre o qual publicou uma enciclopédia em 2005), mas que reunia igualmente, com zelo e paixão, as memórias da família. De carro, conduziu-nos a Grenoble, onde reside, e, durante quase três dias, mostrou-se um cicerone fascinante não só da comunidade de “nossos livreiros” – sobre os quais, não sendo historiador de ofício, realizou um trabalho de pesquisa espantosamente bem cuidado e detalhado –, mas ainda dos arredores da cidade, de onde tinham partido aqueles homens do passado que nos cativaram.

Primeiro, em casa do senhor e da senhora Bompard, examinei de perto o magnífico retrato de Jean-Baptiste, pintado em 1825, cuja autoria foi autenticada pelo Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. Enquanto eu o olhava, o descendente daquele que foi representado ainda jovem, de calça branca e casaco marrom, sentado um pouco de través numa cadeira simples, segurando um livro, que mantém marcado com o indicador esquerdo, aproximou-se. De uma caixa de papelão, retirou então dois objetos: um anel e uma curiosa joia, com duas pedras, uma vermelha, outra azul, presas a uma corrente de ouro. O primeiro, seu antepassado usava na mão direita, na pintura; o segundo, trazia à cintura, como uma espécie de fecho. Apesar da longa experiência de pesquisa, subitamente, como por efeito de uma *madeleine* proustiana, o passado se materializava para mim no presente, como nunca havia ocorrido.

Nessa primeira manhã, pude ver não só um exemplar de *Telêmaco*, os cinco volumes da obra do abade Raynal, como também um selo da livraria carioca, mas ainda tapeçarias feitas por Jean-Baptiste, uma das ocupações a que se dedicou ao voltar para Briançon. Numa delas, ao centro, lembrança decerto do Brasil, figurava uma onça. Ao mesmo tempo, acompanhei, atônita, a abertura de numerosas pastas com documentos sobre a família, pacientemente recolhidos e classificados: certidões de batismo, casamento e óbito; cartões de visita de comerciantes do final do século XVIII, inícios do XIX, e outros. No final, após mostrar o planejamento minucioso para o dia posterior, à maneira de um eficiente executivo, os comentários do senhor Bompard sobre aquele conjunto inestimável de informações tornavam o ambiente, as relações familiares e a trajetória de seu antepassado mais claras e concretas. Eu estava longe de imaginar o que ainda estava por vir.

Após a nevasca de uma noite de final de inverno, na manhã seguinte o céu amanheceu limpo, de um azul muito profundo. Saímos bem cedo de Grenoble em direção a Briançon. A estrada, já desimpedida, logo começou a serpentear, subindo a montanha, as encostas cobertas de neve muito branca. Pelo caminho, pequenas aldeias, algumas transformadas hoje em estações de esqui pela indústria do turismo no século XX: La Grave, Le Monêtier-les-Bains, Le Bez, La Salle-les-Alpes. Casas simples, com aposentos inferiores para abrigar os animais no inverno, de telhados que, apesar de íngremes, suportavam grossas placas de gelo. Forno comunitário para fazer pão. Pequenas igrejas antiquíssimas, cuja chave busca-se na morada vizinha – frias e austeras como há 200 anos. Por fim, quase na fronteira com a Itália, Briançon, fortaleza remodelada por Vauban a serviço de Luís XIV.

Nesse período, de um lado, a geografia tornava a região militarmente estratégica e também ponto de passagem obrigatório para os mascates que uniam a Itália, a França e a Suíça; de outro, a procura de condições mais favoráveis afastava daquele ambiente inóspito qualquer excedente populacional. Foi o caso da família Bompard, ali estabelecida desde o século XIII; como também daquelas outras, cujos sobrenomes encontram-se em qualquer estudo do comércio livreiro ao redor de 1800, entre os quais Borel, Martin, Reycend, Bertrand, Rolland, Aillaud. Seus membros emigraram e se fixaram em Nápoles, Turim, Paris e Lisboa; e chegaram, como visto, até o Rio de Janeiro! Conservando os laços de origem e casando-se entre si, criaram

redes de relacionamento e de informação indispensáveis para o exercício do comércio naqueles tempos de comunicações lentas e precárias.

Ainda no final de 2010, um congresso nos Açores tornou possível novo encontro com o senhor Bompard, dessa vez em Lisboa. Juntos, visitamos o Arquivo da Marinha e o Histórico Ultramarino, em busca da data precisa em que Jean-Baptiste partira para o Brasil. Sem sucesso na ocasião, foram as minuciosas pesquisas posteriores do autor, com um domínio cada vez maior do português, que levaram à descoberta. Seis meses mais tarde, coube a Jean-Jacques Bompard refazer o trajeto de seu antepassado para conhecer o Rio de Janeiro em que vivera. Na Biblioteca Nacional, ele pôde então examinar o original manuscrito, na letra do próprio livreiro, do magnífico catálogo de 1825 da loja de Bompard, com mais de quatro mil obras publicadas em diversas línguas, cuja menção, em artigo meu disponível na internet, levou à mensagem eletrônica mencionada no início.<sup>1</sup> Na pequena igreja de Santa Rita, próxima da loja de Jean-Baptiste, seu descendente ainda visitou a sala da irmandade onde Paulo Martin atuara como compromissário nas eleições de 1821 para os deputados às Cortes portuguesas.

Arguto e tenaz, Jean-Jacques Bompard claramente adquiriu, à sua maneira, aquele “gosto do arquivo” de que a historiadora Arlette Farge<sup>2</sup> tece o elogio! Assim, a cada vez que nos correspondíamos, ele sempre trazia novidades para discutir comigo sobre a vida e o mundo dessas ricas personagens, demonstrando o domínio que passara a ter sobre a pesquisa histórica, graças à qual passou a recolher pistas e dados imprescindíveis para a análise de assunto tão rico.

O resultado de tantos anos de trabalho é o livro que agora se apresenta – *Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro*. Nele, escrito em linguagem simples e direta, o autor procura examinar, com inteligência e exatidão, as diversas facetas do processo de formação do mercado livreiro que se constituiu entre França, Portugal e Brasil desde o final do século XVIII. Desse modo, mais do que simples biografia de Jean-Baptiste, sua principal personagem, o trabalho procura traçar a trajetória desses livreiros do *Novo Mundo* e

<sup>1</sup> Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: Livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do Oitocentos”. *Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História da ANPUH-RJ – História e Biografias*, 2004. Disponível em: <[https://www.google.com.br/#safe=off&q=trajetorias de livreiros no rio de janeiro](https://www.google.com.br/#safe=off&q=trajetorias%20de%20livreiros%20no%20rio%20de%20janeiro)>.

<sup>2</sup> Arlette Farge. *Le goût de l'archive*. Paris, Seuil, 1989.

analisar o caminho por eles percorrido. Para isso, recorre a duas dimensões: as histórias de suas vidas e a obra que realizaram, consubstanciada no papel que assumiram na vida cultural, política e editorial do período.

Ao mesmo tempo, ele não esquece que, além de indivíduos capazes de transmitir ideias novas de um lado para o outro do Atlântico, esses livreiros foram, sobretudo, homens de negócios. Tratavam de livros, sim, mas também, como era característico na época, de outros assuntos, participando de companhias de seguro ou de bancos, por meio da aquisição de ações, sem descuidar de fazer generosas doações à Coroa a que estavam submetidos para garantir privilégios.

A fim de atingir seus objetivos, Jean-Jacques Bompard formula diversas indagações e, fundamentado na ampla documentação que recolheu em instituições de pesquisa na França, em Portugal e no Brasil, apresenta suas respostas e análises em pequenos capítulos, compondo um todo coerente e harmonioso. Não se limita à simples identificação dos livreiros, mas procura examinar igualmente as práticas políticas e culturais do mundo luso-brasileiro do fim do século XVIII até inícios do XIX, época de agitação febril, com as invasões napoleônicas em Portugal, a transferência da família real portuguesa para cá, o crescimento do movimento editorial, a liberdade de imprensa e, por fim, a independência do Brasil em 1822. Importava, portanto, inserir esses homens e seus livros nesse contexto, tornando inteligível a passagem do Antigo Regime a uma nova ordem social, que chamamos *Modernidade*.

Sem dúvida, o olhar principal volta-se para a família Martin e, especificamente, para um *briançonnais*, Jean-Baptiste Bompard, que atravessou o Atlântico para fazer fortuna. No entanto, digna de nota é a preocupação em demonstrar as múltiplas ligações entre esses indivíduos. Assim, a reconstituição de filiações e a elaboração de árvores genealógicas permitem perceber como esses livreiros souberam conservar os laços de origem, reforçados em seguida pelos interesses comerciais. Talvez fruto da “solidariedade montanhesa”, expressão de Georges Bonnant,<sup>3</sup> de que tinham dependido por séculos, foram buscar seus conterrâneos para consolidarem seus negócios com livros,

<sup>3</sup> G. Bonnant. “Les libraires du Portugal au XVIII<sup>e</sup> siècle vus à travers leurs relations d’affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel”. Coimbra, *Arquivo da Bibliografia Portuguesa*, 21-22 (6), jan./jun. 1960, pp. 195-200.

formando “densas redes de relações comerciais” e criando uma espécie de grande família, como, de outro ponto de vista, mostraram também os estudos de Manuela Domingos sobre os livreiros portugueses do século XVIII.<sup>4</sup>

Por todas essas razões, confirma-se a importância deste livro, em sintonia com as abordagens recentes da história dos livros e dos livreiros, mesclando a história cultural, a história política, a econômica e a social. O trabalho constitui, assim, não só mais uma janela sobre o século XIX, mas contribui para melhor compreender como tais indivíduos, dos Alpes ao Brasil, transformaram-se em importantes agentes do processo histórico.

Dessa maneira, vale lembrar, por último, que este estudo sobre Jean-Baptiste, um desconhecido até agora tanto no Brasil quanto na França, que seu descendente Jean-Jacques Bompard resgatou com tanta dedicação, permite retomar, mais uma vez, um diálogo entre os dois lados do Atlântico que vem de longe. Diálogo que se intensifica nesses momentos de encontro, quando, no início do século XXI, a pesquisa aproxima os interesses de uma historiadora, que lida com livros e livreiros, em uma margem, àqueles de um cidadão *ilustrado*, na outra, que tenta, em suas próprias palavras, “preservar a memória desta aventura entre a França, o Brasil e Portugal”.

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

<sup>4</sup> Cf.: Diogo Ramada Curto *et al.* *As gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007.



# Apresentação

## DA LEMBRANÇA DAS ORIGENS AOS CAMINHOS INTERROMPIDOS DA MEMÓRIA

Ao longo de gerações, em meio às comunidades camponesas dos Alpes, o rigor do clima e os escassos recursos da natureza podiam tornar inevitável a opção pela emigração. Entre os habitantes de Briançon,\* foram muitos os que se exilaram, temporária ou definitivamente: tendo recebido uma educação que, da leitura à escrita e ao domínio da aritmética, lhes conferia as bases de um saber sólido e seguro, eles estavam preparados para enfrentar os imprevistos e desafios de uma existência não isenta de riscos.

Entre os primeiros emigrantes, além de professores, estavam os que se destinavam ao comércio, um campo para o qual demonstravam qualidades como obstinação e habilidade, favoráveis ao êxito.

A manifestação mais original dessa emigração emergiu, sem dúvida, a oeste de Briançon, no vale de La Guisane, entre os vilarejos de La Salle e de Monétier, quando da formação de uma rede de mercadores tornados livreiros, a qual se impôs, no século XVIII, no mercado de livros do sul da Europa, principalmente na Itália, na Espanha e em Portugal. Seu sucesso, qualificado na época de um predomínio sobre o comércio de livros, consagrava o pragmatismo de alguns habitantes dos Altos Alpes. Depois de terem praticado um

\* Subprefeitura do departamento dos Altos Alpes, o qual hoje inclui, na mesma região, a Provença e a Costa Azul, no sudeste da França. Com 12.370 habitantes em 2015, Briançon fica próxima à fronteira com a Itália. (N. da T.)

comércio itinerante e se inserido nos circuitos de distribuição abastecidos pelos impressores europeus mais atuantes, eles criaram seus próprios negócios.

Longe de sua terra natal, desenvolveram entre si uma nova forma de solidariedade que, geração após geração, se fortaleceu mediante associações e alianças de natureza endogâmica, as quais garantiam o controle de seus estabelecimentos comerciais e a transmissão de seus patrimônios. Além disso, não obstante a expansão de suas atividades e o afastamento da região dos Altos Alpes, os membros dessas famílias mantinham laços estreitos com suas localidades de origem, sob o princípio de que era preciso inspirar a mesma fidelidade entre seus filhos. Os eventos familiares dos quais ali participavam ofereciam periodicamente ocasião de reencontros. Mesmo apartados pelas viagens, era costume, especialmente, que os casamentos fossem celebrados em sua terra. Os contatos então travados propiciavam às novas gerações a oportunidade de um aprendizado sob a tutela e com a ajuda dos mais velhos.

Uma outra forma de vínculo com a terra natal advinha, para os originários dos Altos Alpes expatriados, da manutenção de um patrimônio ali, uma casa, terras, rendimentos, dos quais conservavam a propriedade ou o usufruto até o momento em que, com mais frequência ao final de sua existência, deles viessem a dispor mediante testamento em favor de um parente, da paróquia ou dos pobres de sua cidade ou lugarejo.

Este livro ilustra como, em diversas circunstâncias, se manifestou a relação de proximidade mantida entre as famílias que permaneceram no vale de La Guisane e aquelas que se estabeleceram no estrangeiro; e como também se ocultou um paradoxo: a pálida representação de que dispunham os *briançonnais* das atividades de seus parentes comerciantes, livreiros ou editores, em seus países de adoção. Os arquivos dos Altos Alpes encontram-se, com efeito, praticamente desprovidos de informações sobre o que foi, entre fins do século XVII e meados do século XIX, essa singular e longínqua aventura nos ofícios do livro.

De fato, é a partir das cidades onde desenvolveram seus negócios que eles devem ser estudados, conforme observaram vários historiadores. Assim é que importantes fontes documentais podem ser consultadas nos arquivos existentes em Lisboa, Portugal; o mesmo se aplica ao Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil (1763-1960). Duas cidades que conservaram vestígios profundos e duráveis da atividade dos livreiros que foram precursores em uma época importante de sua história.

Este livro busca empreender a reconstituição do percurso original desses oriundos de Briançon. Eles pertenciam a antigas famílias estabelecidas des-

de o século XIII em Bez, comunidade de La Salle, na França. Mercadores por muitas gerações, vários se dedicaram ao negócio do livro na Itália (em Turim, Nápoles ou Gênova), enquanto outros preferiram se estabelecer em Lisboa, de onde foram os únicos a levar seu comércio até o Rio de Janeiro.

Uma vez que souberam conduzir seus negócios com energia e habilidade em um período agitado (invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, êxodo da Corte portuguesa, censura sucedida de liberação da edição e da imprensa e, por fim, a Independência do Brasil), seus nomes estão intimamente ligados à história da circulação das ideias e aos episódios marcantes da emancipação da antiga grande colônia portuguesa que contribuíram para delinear o Brasil de hoje.

O número e a qualidade de estudos e obras dedicados nos anos recentes a esses livreiros e a esse período, por pesquisadores ou historiadores portugueses e brasileiros, evidenciam a oportunidade de fazer reviver, do duplo ponto de vista dos Alpes de Briançon e dos países lusófonos, o que foi o caminho percorrido por seus protagonistas.

Uma reconstituição histórica que se justifica por um último paradoxo: um dos atores dessa aventura, o livreiro Jean-Baptiste Bompard, nascido em 1797 – ancestral em linha direta do autor destas linhas –, depois de permanecer por dois anos em Lisboa e dez no Rio de Janeiro, regressou a Briançon em 1828, onde viveu até idade avançada uma segunda existência dedicada à família, à agronomia e à apicultura. Longe do Brasil, ele conservou suas lembranças, com certa nostalgia, por meio de leituras e da feitura de tapeçarias que exaltavam o cenário dos arredores do Rio de Janeiro; mas, de modo inexplicável, não se preocupou em deixar um testemunho sobre os fatos e acontecimentos marcantes de sua vida no “Novo Mundo”. Tudo se passou, de fato, como se o modo de vida do corpo social ao qual ele pertenceu no longínquo Brasil, tão distante dos hábitos em vigor na comunidade de Briançon, pudesse tornar tal relato desconcertante, de sorte que deve ter sentido que permaneceria como o homem daquela experiência pessoal.

De volta à terra natal, ele se tornou *Le Brésilien* [“o Brasileiro”], até mesmo em certidão civil,<sup>1</sup> mas a evocação por seus contemporâneos de sua história – ou, antes, de sua aventura – dificilmente ia além da anedota ou do pitoresco.

<sup>1</sup> Por ocasião do falecimento de Henriette Bompard, em 14 de novembro de 1870, a certidão do cartório mencionou que seu esposo era “Bompard, Jean-Baptiste (*Brésilien*), rentista”. AD 05, Briançon, 1867-1870, folha 134.

Como explicar, ademais, que o historiador do Delfinado,\* Aristide Albert – que se interessou em duas de suas obras, de 1874<sup>2</sup> e 1877,<sup>3</sup> pelos livreiros de Briançon, sem se aprofundar no tema –, não tenha, por ocasião dessas publicações, aproveitado a oportunidade de abordar o antigo livreiro Jean-Baptiste Bompard? Afinal, ele conhecia sua trajetória, já que a evocou brevemente no opúsculo<sup>4</sup> que dedicou, em 1899, ao filho dele, Numa Bompard.

Retomemos, então, essa história, buscando inicialmente no lugarejo de Bez os caminhos interrompidos da memória.



**Imagem 2.** A antiga comunidade de La Salle, no vale de La Guisane. Embaixo, à esquerda, a aldeia de La Salle; ao centro, ao pé do monte, a localidade de Bez. Fotografia de Francou, Briançon.

\* Antiga província no sudeste da França cuja área correspondia, aproximadamente, aos atuais departamentos de Isère, Drôme e Altos Alpes. (N. da T.)

<sup>2</sup> Aristide Albert. *Le maître d'école briançonnais et les libraires briançonnais*. Grenoble, Allier, 1874.

<sup>3</sup> Aristide Albert. *Biographie, bibliographie du Briançonnais, canton de La Grave et du Monêtier de Briançon*. Grenoble, Imprimerie Veuve Rigaudin, 1877, pp. 95-96. Sucedendo a essa publicação, a Société d'Études des Hautes Alpes (n. de 1886, pp. 118-119) publicou um artigo do senhor Demersuay concernente às famílias de livreiros originários de La Salle, mas que tratava, de fato, dos Gravier e de sua emigração para Roma.

<sup>4</sup> Aristide Albert. *Les briançonnais – Numa Bompard, agronome*. Gap, Jean et Peyrot, 1899, pp. 8-9.